

BALANÇO HÍDRICO

“Gerenciamento compensa a má distribuição da água”

Especialista enxerga no Ceará o melhor exemplo de manejo como forma de resolver o problema da escassez geográfica

Angelo Castelo Branco
de Recife

Apesar da má distribuição geográfica da água doce no Brasil, regiões que dispõem de baixos níveis de disponibilidade do recurso podem suprir suas demandas através do gerenciamento eficaz. Esta é a tese do especialista João Suassuna, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, que falou ao *Gazeta do Brasil* sobre os problemas que cercam a disponibilidade de água no país. Na segunda parte da entrevista, ele faz uma análise comparativa dos recursos hídricos em relação às curvas geológicas do Nordeste:

Gazeta do Brasil - Existe solução capaz de assegurar o abastecimento de água para estados do Nordeste que há séculos convivem com o fantasma da escassez?

João Suassuna - Levando-se em consideração a gravidade dos aspectos distributivos de recursos hídricos (nas classes pobre e em situação crítica), chega-se à conclusão de que, mesmo com os riscos iminentes de desabastecimento, os estados nordestinos localizados nas referidas classes poderão vir a suprir a demanda de água de suas populações, de forma coerente e satisfatória, bastando para tanto proceder ao gerenciamento adequado do recurso.

Essa afirmação prende-se ao fato de o Nordeste, hoje, possuir o maior volume de água represado em regiões semi-áridas do mundo, com cerca de 30 bilhões de m³. As descargas de seus rios proporcionam infiltrações de água nos aquíferos da ordem de 58 bilhões de m³/ano, segundo estimativas de Aldo Rébouças, renomado hidró-

logo da USP, São Paulo. A extração de apenas 1/3 desses volumes infiltrados representaria potenciais suficientes para abastecer a população nordestina atual, estimada em cerca de 47 milhões de pessoas, com uma taxa de 200/litros/habitante/dia, além de irrigar mais de 2 milhões de hectares, com uma taxa de 7.000 m³/ha/ano. A água no Nordeste existe, faltando, apenas, o indispensável gerenciamento desse recurso para a satisfação das necessidades do seu povo. Sabendo usar, ela não irá faltar.

GB - Já não seria tempo de cada estado nordestino formatar planos específicos para equacionar suas respectivas soluções nesse sentido?

JS - Caso sejam consideradas as características de cada um dos estados integrantes das duas classes mais críticas, observa-se que o Ceará, estado onde o semi-árido chega ao litoral, trata os seus recursos hídricos de forma mais consistente do que aquela habitualmente realizada nos demais estados nordestinos. Após a construção da represa do Castanhão, com cerca de 6 bilhões de m³ (depois de Sobradinho, que tem capacidade de armazenar cerca de 34 bilhões de m³, o Castanhão é a maior represa do Nordeste na atualidade), o estado passou a ter um potencial acumulatório em suas represas, da ordem de 16 bilhões de m³ (é mais de 50% de todo o volume acumulado nas represas nordestinas). Além do mais, o Ceará vem trabalhando no sentido de interligar as diversas bacias que as compõem. Segundo os governantes cearenses, a idéia é fazer com que as regiões do estado que apresentem dificuldades de fornecimento de água às populações sejam supridas por outras re-

giões que apresentem melhores condições hídricas para assim fazê-lo.

GB - Como avaliar as potencialidades de cada estado em face de suas diferentes características?

JS - O Rio Grande do Norte dispõe de áreas sedimentares importantes (formação barreira e dunas, além do arenito Açu), que vêm abastecendo inclusive a região de Mossoró, nas necessidades humanas e agrícolas, além de possuir a segunda maior represa do Nordeste (a represa Armando Ribeiro Gonçalves, com cerca de 2,4 bilhões de m³). Essa represa, sozinha, segundo informações contidas no I Plano Estadual de Recursos Hídricos do Rio Grande do Norte, poderia suprir, com 200 litros/habitante/dia, toda a população norte-rio-grandense, nos próximos 20 anos.

Alagoas e Sergipe, por serem estados com áreas redu-

zidas, possuem uma significativa faixa de sedimentário em suas regiões litorâneas, cujas reservas hídricas de subsolo se dão em proporções relevantes (estima-se nas bacias sedimentares de Alagoas/Sergipe um volume aproximado de 100 m³/ano). O problema de abastecimento desses dois estados localiza-se nas suas regiões semi-áridas. Ações de instituições não governamentais, através dos barramentos necessários e do uso de cisternas rurais para o aproveitamento da água de chuva, certamente trarão soluções oportunas.

Na terceira e última parte da entrevista com o professor João Suassuna, a ser publicada na edição de amanhã, 24, ele fala sobre o papel da bacia do rio São Francisco no suprimento da demanda do Nordeste.



João Suassuna